

DA ESTRUTURA E DO QUIASMA EM MERLEAU-PONTY

STRUCTURE AND CHIASM IN MERLEAU-PONTY

RODRIGO BENEVIDES**

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Resumo: *A Estrutura do Comportamento* (1942) e *O Visível e o Invisível* (1964) representam estágios diferentes no desenvolvimento da sistematização ontológica de Merleau-Ponty. A divisão entre as ordens *física, vital e humana*, pensada na década de 1940, revela-se insuficiente com a posterior introdução da noção de *carne* como elemento primordial do ser. Não obstante, o artigo argumenta que, apesar das notáveis e, por vezes, incontornáveis diferenças entre as ontologias das obras supracitadas, os conceitos de estrutura (*Gestalt*) e quiasma possuem uma função correlata e, dessa forma, indicam certa continuidade na obra do filósofo. Portanto, trata-se aqui de demonstrar o paralelismo entre as noções de quiasma e estrutura.

Palavras-chave: Merleau-Ponty. Fenomenologia. Ontologia. Natureza.

Abstract: *The Structure of Behavior* (1942) and *The Visible and the Invisible* (1964) mark different stages on the development of Merleau-Ponty's ontological systematization. The division between the *physical, vital and human* orders laid out in the 1940's reveals to be insufficient with the subsequent introduction of the notion of *Flesh* as the primordial element of Being. Nonetheless, the paper argues that despite the notable and, at times, incompatible differences between these two stages of ontological thought, the concepts of Structure (*Gestalt*) and Chiasm hold a correlated function which indicates a certain continuity in the work of the philosopher. Therefore, the paper demonstrates the parallelism between the notions of Chiasm and Structure.

Keywords: Merleau-Ponty. Phenomenology. Ontology. Nature.

* Artigo recebido em 29/04/2021 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 16/06/2021.

** Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2282727419885115> E-mail: rodrigobenevides23@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Maurice Merleau-Ponty, no decorrer da década de 1950, opera um deslocamento que vai “da fenomenologia à busca de uma ontologia do ser bruto, fonte da experiência e da razão antes que o pensamento reflexivo delas se aproprie”.¹ De fato, pode-se genericamente descrever as investigações presentes nas obras iniciais de Merleau-Ponty como fenomenologia ou psicologia fenomenológica, porém, como ressalta o próprio filósofo em uma das notas de trabalho que compõem *O Visível e o Invisível* (1964), “o que se poderia considerar como ‘psicologia’ (*F. da Percepção*) é na realidade ontologia.”²

A diferença entre as ontologias pensadas por Merleau-Ponty, entretanto, não impede que ambas possuam um alvo em comum, a saber, toda e qualquer postura (filosófica ou científica) que vise transformar “o para-si e o em-si em absolutos rivais”.³ Em outras palavras, para além das eventuais assimetrias entre as teses ontológicas sustentadas em suas diferentes obras, todo o itinerário do filósofo francês deve ser compreendido como um esforço de ultrapassagem da dicotomia entre *res cogitans* e *res extensa*. A tentativa de superação do dualismo mente-corpo é, reiteradamente, o núcleo da discussão do fenomenólogo, levando-o não apenas às discussões sobre teorias psicológicas (marca das obras da década de 1940), mas ao próprio conceito de *Physis* e ao debate acerca da conexão entre matéria, vida e cultura a partir da retomada da história da filosofia e do exame do paradigma científico instaurado na primeira metade do século XX (foco de suas aulas e escritos finais).

Levando em conta o que conecta os diferentes estágios do percurso filosófico de Merleau-Ponty, o artigo pretende, concomitantemente, destacar a diferença entre as ontologias descritas nas obras *A Estrutura do Comportamento* (1942) e *O Visível e o Invisível* e demonstrar a similitude da função central dos conceitos de *estrutura* e *quiasma*. Em suma, o artigo visa examinar a incompatibilidade entre a ontologia da década de 1940 e a ontologia do *Être Brut* para, enfim, indicar que - por compartilharem um objetivo comum

¹ CHAUI, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 197.

² MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009, p. 171.

³ CHAUI, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 198.

(refutação do dualismo ontológico) - ambas as posições se valem de noções que visam conectar a multiplicidade do Ser a fim de salvaguardar sua unicidade.

2. COMPORTAMENTO E ESTRUTURA

Apesar de Merleau-Ponty admitir que a *Fenomenologia da Percepção* (1945) é uma obra de ontologia e *A Estrutura do Comportamento* reservar boa parte de suas páginas à descrição das ordens do Ser, deve-se ressaltar que, em última instância, ambas apresentam suas teses ontológicas ao se concentrarem na análise do comportamento perceptivo, isto é, da apreensão de um ambiente ou *Umwelt*⁴ a partir da normatividade de um organismo, ou melhor, de uma corporeidade. O francês, pois, busca compreender o *Lebenswelt* originário antepredicativo e não-representacional, isto é, aquilo que mais tarde Merleau-Ponty descreve como “*fé perceptiva*, crença espontânea e muda que sustenta nosso contato inicial com o mundo.”⁵ Na esteira de Jakob Von Uexküll, biólogo de suma importância também na filosofia de Martin Heidegger⁶, Merleau-Ponty nos lembra que “o animal projeta ele mesmo as normas de seu meio e coloca ele mesmo os termos de seu problema vital”.⁷ O comportamento da corporeidade não se trata de uma mera resposta ao estímulo de um suposto ambiente ‘puro’ ou ‘objetivo’ que seria, então, introjetado no organismo via representação. Na verdade, a relação corpo-ambiente é um evento tal que nos vemos obrigados a supor que o estímulo “não pode ser definido em si e independente do organismo; *não é uma realidade física, é uma realidade fisiológica ou biológica*”.⁸ Há, pois, uma indistinção primordial (a *fé perceptiva*) que instaura o *Umwelt*, devendo ser compreendida para além do puro fisicalismo reducionista de uma causalidade linear descrita em termos de *input-output*, o que nos leva à questão nuclear da obra merleau-pontiana: há uma diferenciação qualitativa do Ser que nos obriga a postular a vida e o homem como entes

⁴ Cf. UEXKÜLL, Jakob von. *A Foray into the worlds of animals and humans with A Theory of Meaning*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2013.

⁵ CHAUÍ, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 198.

⁶ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: Mundo, Finitude, Solidão*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 117.

⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 42, grifo do autor.

distintos da pura *phýsis*? Se Merleau-Ponty visa sobrelevar a dicotomia cartesiana, como então explicar, dentro de uma perspectiva não-dualista ou não-vitalista, o surgimento de um arranjo específico da matéria capaz de apreender *sentido* no mundo? Se a vida é um desdobramento da matéria físico-química, como elucidar a visível diferença que irrompe no comportamento de um organismo? E mais: sendo o homem mais um dentre tantos organismos que surgem no decorrer da evolução via seleção natural, como começar a compreender seu comportamento inegavelmente idiossincrático?

Em *O Visível e o Invisível*, Merleau-Ponty nos diz que “meu corpo é feito da mesma carne que o mundo”⁹, indicando assim que, para darmos conta do surgimento do *corps propre* ou *corps phénoménal* do homem, é imprescindível admitir uma homogeneidade qualitativa no ser que possibilite o surgimento de um comportamento tal qual demonstrado pela espécie humana. Tudo gira em torno do esforço em compreender como, por exemplo, algo como a linguagem (desenvolvida pela e na *intercorporeidade*) é apenas mais uma manifestação da multiplicidade fundada na unicidade do Ser, ou seja, não há ruptura entre matéria, vida e cultura, apenas um *continuum* qualitativamente homogêneo que, no seio da multiplicidade, se manifesta de diversos modos. À primeira vista, pode parecer que não há grande diferença na ontologia tardia do ser bruto ao lembrarmos da resposta oferecida em *A Estrutura do Comportamento*: ao delimitar as ordens *física, vital e humana*, Merleau-Ponty admite a conexão ontológica entre as manifestações do ser mesmo quando pontua suas diferenciações. Lembremos que, na descrição da ordem humana, Merleau-Ponty assume que a intencionalidade característica ao homem, este centro irradiador de cultura “não é uma nova espécie de ser, mas uma nova forma [Gestalt] de unidade”.¹⁰ No entanto, a diferença crucial é que, enquanto que *A Estrutura do Comportamento* e *Fenomenologia da Percepção* descrevem a esfera humana como uma forma de unidade *emergente*, isto é, diferenciada e, ao mesmo tempo, não-descolada da *phýsis*, a ontologia tardia presente em *O Visível e o Invisível* e nos *Cursos do Collège de France* (1952-1960), por sua vez, defende que “o ser sensível contém as condições da sensibilidade posteriormente exercida pelo sujeito perceptivo. [...] A percepção humana é, segundo essa perspectiva, parte de um processo de

⁹ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009, p. 225. O conceito de *Came*, crucial na ontologia tardia de Merleau-Ponty, será elucidado mais à frente.

¹⁰ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 282.

manifestação sensível inerente ao próprio ser.”¹¹ Dito de outro modo, a intencionalidade humana, na década de 1940, é tomada como algo inédito, enquanto a ontologia do *Être Brut* defende que, rigorosamente, a corporeidade humana não instaura nada de realmente novo em termos qualitativos, pois o ser já é sensibilidade, já é *carne*. Ao introduzir tal noção em suas obras finais, Merleau-Ponty opera um redirecionamento da sua filosofia ao propor um caráter de *quiasma* ao ser, afastando-se assim de sua tese anterior e assumindo uma espécie de unidade absoluta da *phýsis* análoga àquilo presente nas filosofias de pensadores como Friedrich Schelling e Alfred North Whitehead, influências cruciais em sua ontologia tardia. De qualquer maneira, apesar de tal diferença incontornável, tanto a noção de *Gestalt* (estrutura/forma) como a de *quiasma* funcionam como recurso conceitual para iluminar o entrelaçamento das diferentes manifestações do ser, indicando clara continuidade entre as formulações do filósofo. Vejamos, pois, o percurso de Merleau-Ponty.

A compreensão da matéria viva deve partir de uma perspectiva epistemológica que assuma no vivente uma causalidade de caráter dialético ou retroativo. A pura linearidade algorítmica do movimento da *res extensa* (o *substratum* de todo organismo) não serve como indicativo último para a compreensão do *todo* que é uma corporeidade. Trata-se aqui, portanto, da adoção de um holismo moderado, isto é, não a tese de uma unidade indiscriminada, mas a compreensão que descreve a matéria viva como algo para além das partes; uma compreensão que dispensa, ao mesmo tempo, a postulação de uma redução mecanicista e de uma esfera vital imaterial. Ao se contrapor à noção central da fisiologia de Ivan Pavlov (o reflexo condicionado), Merleau-Ponty exemplifica o uso da noção de *Gestalt* como categoria capaz de dar conta das diferentes manifestações de causalidade que operam no ser.

o reflexo existe; ele representa um caso muito particular de conduta, observável em condições determinadas. Mas não é o objeto principal da fisiologia, *não é através dele que podemos entender o resto*. Não poderíamos considerar como uma *realidade biológica* toda reação obtida em laboratório interrogando um organismo doente ou em condições artificiais. O objeto da biologia é apreender o que faz de um ser vivo um ser vivo, quer dizer, não – segundo o postulado realista comum ao mecanicismo e ao vitalismo – a superposição de reflexos elementares ou

¹¹ SACRINI, Marcos. *Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty*. Tese de Doutorado em Filosofia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2008, pp. 223-225.

a intervenção de uma “força vital”, mas uma *Gestalt* indecomponível dos comportamentos.¹²

Ao criticar o atomismo fisiológico do behaviorismo pavloviano, Merleau-Ponty não apenas está a tratar de questões acerca dos fundamentos epistemológicos da psicologia; há, inegavelmente, uma preocupação em suas obras iniciais em demonstrar os limites do behaviorismo e apontar a fenomenologia, a *Gestalttheorie* e, em menor escala, a psicanálise como paradigmas mais indicados à compreensão do comportamento humano. Porém, em última análise, há uma preocupação teórica de ordem ontológica. Não se trata apenas de esclarecer o comportamento humano, mas estabelecer uma ontologia que consiga dar conta de saltos qualitativos no interior da unicidade do ser. A noção de *Gestalt*, portanto, possibilita tal ontologia.

É aqui que a noção de *Gestalt* permitiria uma solução realmente nova. Aplicável igualmente aos três campos que acabam de ser definidos [*físico, vital e humano*], ela os integraria como três tipos de estrutura, superando as antinomias do materialismo e do espiritualismo; do materialismo e do vitalismo. A quantidade, a ordem, o valor ou o significado, que passam respectivamente por propriedades da matéria, da vida e do espírito, não seriam mais do que o caráter dominante na ordem considerada e se tornariam categorias universalmente aplicáveis.¹³

A noção de estrutura, desse modo, permite a Merleau-Ponty a negação tanto do empirismo mecanicista quanto do intelectualismo subjetivista, pois o francês não apenas indica a impossibilidade da explicação reducionista do comportamento como igualmente rechaça a ideia de uma pura interioridade criadora absoluta de um *Lebenswelt*. Na verdade, a estrutura, isto é, a *Gestalt* proveniente da dinâmica organismo-ambiente, é uma espécie de meio-termo entre ideia e coisa em que não convém categorias que apontem a preponderância de algum dos polos precisamente por não haver polos separados no irrompimento da *significação*, apenas a totalidade não-redutível às partes. Evita-se, assim, o materialismo bruto e o vitalismo metafísico. Ora, de que outra forma poderíamos dar conta de experiências sensoriais como a sinestesia?

Por exemplo, é possível que sob efeito de mescalina se possa observar uma modificação das cronaxias. De forma alguma este fato constituiria uma explicação das sinestésias pelo corpo objetivo se, como vamos

¹² MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 67, grifo do autor.

¹³ *Ibid.*, p. 204.

mostrá-lo, a justaposição de várias qualidades sensíveis é incapaz de fazer-nos compreender a ambivalência perceptiva tal como ela é dada na experiência sinestésica. A mudança das cronaxias não poderia ser a causa das sinestésias, mas a expressão objetiva ou o signo de um acontecimento global e mais profundo cuja *sede* não está no corpo objetivo, e que diz respeito ao corpo fenomenal enquanto veículo do ser no mundo.¹⁴

O uso da mescalina ou de substâncias de efeitos psicodélicos análogos como LSD demonstram que fenômenos como a sinestesia não podem ser compreendidos ao tentarmos apenas descrever em terceira pessoa as mudanças das cronaxias ou simplesmente obter os relatos fenomenológicos da perspectiva de primeira pessoa. Trata-se, como dito, de introduzir a noção de estrutura como recurso conceitual que incorpora, engloba e ultrapassa tais dicotomias.

Mas seria realmente necessário, para entender os fenômenos nervosos, introduzir uma nova categoria? A teoria da *Gestalt* justifica a noção de “forma” por uma crítica ao “espírito anatômico” em fisiologia [...] **Não se trata de arriscar uma hipótese entre outras, mas de introduzir uma nova categoria**, a categoria de “forma” que, tendo sua aplicação tanto no domínio inorgânico quanto no domínio orgânico, permitiria fazer aparecer no sistema nervoso, sem hipótese vitalista, as “funções transversais” de que Wertheimer falara e cuja existência é confirmada pela observação. Pois as “formas”, e em particular os sistemas físicos, se definem como processos totais cujas propriedades não são a soma das propriedades que as partes isoladas possuiriam [...] Pode-se dizer que existe forma sempre que as propriedades de um sistema se modificarem para cada mudança ocorrida em uma única de suas partes e se conservarem, ao contrário, quando todas elas se modificarem mas conservarem entre elas a mesma relação. Essas definições convêm aos fenômenos nervosos, já que, como acabamos de ver, não podemos remeter cada parte da reação a uma condição parcial.¹⁵

Apesar do incontestável valor teórico da noção de estrutura, Merleau-Ponty, já em sua obra inicial, esboça um movimento de distanciamento da *Gestalttheorie*. Para o francês, os próprios teóricos da *Gestalt* não perceberam a radicalidade e as possibilidades teóricas da noção de estrutura, ou seja, a ontologia pressuposta por tais psicólogos não representa, para Merleau-Ponty, uma verdadeira ultrapassagem: “a teoria da forma tem consciência das consequências que um pensamento puramente estrutural acarreta e procura ampliar-se numa filosofia da forma que substituiria a filosofia das substâncias. Mas

¹⁴ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 640.

¹⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 69-70, grifo nosso.

nunca levou muito longe esse trabalho de análise filosófica”.¹⁶ Merleau-Ponty, portanto, tenta alargar a noção de estrutura, tentando ir além dos fundadores da *Gestalttheorie* que, por serem psicólogos, estariam invariavelmente atrelados, argumenta o francês, ao realismo/materialismo comum aos diversos paradigmas da psicologia enquanto ciência: “a ‘forma’ [*Gestalt*; estrutura] só pode ser plenamente entendida, e todas as implicações dessa noção evidenciadas, numa filosofia que se liberte dos postulados realistas que são os de toda psicologia.”¹⁷ Com isso, do mesmo modo que devemos abandonar todo dualismo presente, por exemplo, em teorias acerca da compreensão da vida e do homem que partam de postulados de cunho vitalista ou teológico, a noção de estrutura (quando levada às últimas consequências) nos obriga igualmente a buscar uma integralização do ser para além do materialismo: “Enquanto procurarmos uma filosofia integral sem abandonar esses postulados, não faremos mais do que voltar ao materialismo ou ao espiritualismo que queríamos superar”.¹⁸

Dito isso, o uso da noção de *Gestalt* para além daquilo originalmente visado leva Merleau-Ponty, como dito acima, a estabelecer – em *A Estrutura do Comportamento* – a divisão do Ser nas ordens *física, vital e humana*. É aqui que devemos começar a compreender a mudança que o levará, mais tarde, a adotar a noção de *carne* como elemento primordial do Ser, caracterizando assim a totalidade como *quiasma*. Apesar da noção de estrutura conseguir se esquivar do puro materialismo e da metafísica vitalista, Merleau-Ponty acaba por considerar a ordem humana como demasiadamente apartada da ordem vital/animal. Ao constatar a óbvia peculiaridade do homem por conta de suas manifestações linguísticas, estéticas e filosófico-científicas (ou simplesmente Cultura), Merleau-Ponty apoia-se em Kurt Goldstein¹⁹ e Hegel²⁰ ao definir a espécie *homo sapiens* a partir das noções de *atitude categorial* e *trabalho*, respectivamente. Resumidamente, pois, vemos que o *físico* se dá pela conjunção de forças²¹, a ordem *vital* se dá pelo irrompimento do *Umwelt* (a partir da normatização fisiológica que possibilita os comportamentos *sincrético e amovível*) e, por fim, o *trabalho* ou

¹⁶ Ibid., p. 206.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Cf. GOLDSTEIN, Kurt. **The Organism**. New York: Zone Books MIT, 2000.

²⁰ Cf. HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

²¹ O paradigma corrente da Física, como se sabe, estabelece quatro forças fundamentais na descrição do cosmos: Gravidade, Eletromagnetismo, Força Forte e Força Fraca.

atitude categorial da ordem *humana* estabelece uma “dialética superior”.²² Vejamos, a seguir, como Merleau-Ponty descreve a passagem do *físico* ao *vital*.

Disso decorre que as estruturas inorgânicas se deixem exprimir por uma lei, ao passo que *as estruturas orgânicas só podem ser compreendidas por uma norma*, por um certo tipo de ação transitiva que caracteriza o indivíduo [...] Isso significa que ele próprio [o organismo] mede a ação das coisas sobre si mesmo e que ele próprio delimita seu meio por um processo circular que não têm análogo no mundo físico [...] Não é nenhuma espécie de vitalismo que estamos sustentando. Não queremos dizer que a análise do corpo vivo encontra um limite em forças vitais irreduzíveis. Queremos apenas dizer que as reações de um organismo são compreensíveis e previsíveis apenas se as pensarmos não como contrações musculares que se realizam num corpo, mas como atos que se dirigem a certo meio, presente ou virtual: o ato de apanhar uma presa, de caminhar para o objetivo, de correr para longe de um perigo [...] Uma análise molecular total dissolveria a estrutura das funções e do organismo na massa indivisa das reações físicas e químicas banais. A vida não é pois a soma dessas reações.²³

A vida, portanto, se distingue da matéria inorgânica por conta da normatização do entorno do organismo. Porém, tal normatização, como ficou claro, não provém de uma instância ontologicamente distinta do organismo. Merleau-Ponty supera o vitalismo dualista precisamente ao adotar a noção de *Gestalt* e partir do pressuposto do *sentido* como algo para além do puro físico ou do puro espírito: “a idéia de *significado* [proveniente da categoria *Gestalt*] permite conservar, sem a hipótese de uma força vital, a categoria de vida”.²⁴ O campo humano, porém, está além da mera normatização proveniente da dialética vital, diz Merleau-Ponty. A cultura estabelece, apesar da unidade ontológica entre as ordens, um fosso entre homem e animal (tese posteriormente abandonada pelo próprio Merleau-Ponty ao introduzir a noção de *quiasma*, como veremos mais à frente).

Enquanto um sistema físico se equilibra considerando as forças que o rodeiam, e enquanto o organismo animal forja para si um meio estável que corresponde aos *a priori* monótonos da necessidade e do instinto, o trabalho humano inaugura uma *terceira dialética*, já que projeta entre o homem e os estímulos físico-químicos “objetos de uso” — as roupas, a mesa, o jardim —, “objetos culturais” — o livro, o instrumento de música, a linguagem — que constituem o meio próprio do homem e fazem emergir novos ciclos de comportamento. Assim como nos pareceu impossível reduzir os correlatos situação vital/reação instintiva aos

²² MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 259.

²³ *Ibid.*, pp. 232-237, grifo do autor.

²⁴ *Ibid.*, p. 242, grifo do autor.

correlatos estímulo/reflexo, será igualmente necessário, sem dúvida, reconhecer a originalidade dos correlatos situação percebida/trabalho.²⁵

Em suma, a conclusão da primeira ontologia formulada por Merleau-Ponty consiste em afirmar que “pela noção de estrutura ou de forma, percebemos assim que o mecanicismo e o finalismo deviam ser, ambos, rejeitados, e que o ‘físico’, o ‘vital’ e o ‘psíquico’ não representavam três potências de ser, mas três dialéticas”²⁶, porém, a descrição da dialética humana se provará insuficiente e equívoca quando percebermos a postura adotada nas obras ulteriores. Merleau-Ponty, como se sabe, mesmo mantendo-se um defensor da fruição da noção de *Gestalt* ao relacioná-la com as teses estruturalistas de Ferdinand de Saussure e com o conceito husserliano de *Stiftung*, argumenta que o ser, na verdade, é um todo constituído de uma única *carne*, o que implica na compreensão de todo e qualquer *evento* como a expressão do entrelaçamento ou *quiasma* da existência enquanto tal.

3. CARNE E QUIASMA

A ontologia indireta merleau-pontiana desenvolvida na década de 1950 se vale dos mais diversos referenciais, seja na filosofia, seja na ciência. Além de Kant, Husserl, Schelling e Bergson, Merleau-Ponty também parte, por exemplo, dos então recentes desenvolvimentos na zoologia a partir do trabalho *A Forma Animal (Die Tiergestalt)* de Adolf Portmann. Porém, para os propósitos do artigo, basta que tenhamos em mente a influência que Merleau-Ponty retira de Alfred North Whitehead, dos desdobramentos filosóficos da mecânica quântica e do estruturalismo de Saussure.

Ao contrário de Albert Einstein que “nunca pôde aceitar a ideia de uma realidade reduzida a um tecido de probabilidades”²⁷, Merleau-Ponty incorpora tais corolários da mecânica quântica à sua ontologia e neles encontra uma justificação para descrever o ser enquanto *carne* para, com isso, postular o caráter de *quiasma* da totalidade a fim de resolver certa espiritualização da esfera humana já perceptível em *A Estrutura do Comportamento* e

²⁵ Ibid., pp. 252-253, grifo do autor.

²⁶ Ibid., p. 286.

²⁷ CHAUI, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 215.

que, na *Fenomenologia da Percepção*, ganha novos contornos a partir da noção de *cogito tácito*. O *corpo próprio*, durante os anos de 1950, é repensado de modo a naturalizar a cultura, assumindo a negatividade como algo inerente à totalidade para, desse modo, apresentar o fenômeno humano sem descrições de ineditismo. Como diz Moutinho, a ontologia do período tardio de Merleau-Ponty pode ser resumida como a hipótese na qual “a intencionalidade aparece como interior ao Ser”.²⁸ Enquanto que *A Estrutura do Comportamento* e a *Fenomenologia da Percepção* admitem a descrição da esfera humana em termos peculiares e exclusivistas, “a ontologia indireta de Merleau-Ponty cumpre a promessa de revelar uma familiaridade originária entre a experiência humana e as estruturas ontológicas do mundo”.²⁹ Com isso, percebe-se uma clara mudança na filosofia de Merleau-Ponty, isto é, em suas obras finais ocorre, inegavelmente, “a passagem da centralidade do corpo próprio à centralidade da *carne*.”³⁰ De modo análogo ao que há na *filosofia do processo* de Whitehead, Merleau-Ponty percebe que o novo paradigma estabelecido na física obriga qualquer ontologia contemporânea a descartar a perspectiva de *partes extra partes* oriunda da modernidade na qual a *phýsis* seria pura imobilidade, positividade, ou seja, algo desprovido de interioridade e temporalidade: “o pensamento moderno culmina com a ideia de que a natureza é um objeto pleno e sem interioridade”.³¹

A mecânica quântica, acredita o filósofo, ensina que, ao menos no nível subatômico, não há um conhecimento determinado pleno, pois nesse nível a probabilidade se manifesta como uma propriedade constituinte do ser. [...] Essa renovação das noções básicas da física (determinação, espaço e tempo) sugere uma ideia de natureza não mecanicista e não intelectualista. Merleau-Ponty se serve das reflexões de Whitehead para dar forma a essa nova ideia decorrente das teorias científicas contemporâneas.³²

²⁸ MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e Experiência: Ensaio sobre Merleau-Ponty*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006, p. 403.

²⁹ SACRINI, Marcos. *Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty*. Tese de Doutorado em Filosofia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2008, p. 223.

³⁰ RAMOS, Silvana de Souza. *A Prosa de Dora: Uma leitura da articulação entre Natureza e Cultura na Filosofia de Merleau-Ponty*. São Paulo: Edusp, 2013, p. 149.

³¹ *Ibid.*, p. 15.

³² SACRINI, Marcos. *Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty*. Tese de Doutorado em Filosofia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2008, p. 97.

A ontologia do *Être Brut*, portanto, nos leva a admitir que a percepção deve “ser compreendida como algo que emerge *no interior do próprio ser*”.³³ Há aqui, incontestavelmente, a recusa da ontologia emergentista da década de 1940, pois a intencionalidade operante do *corpo próprio* não é mais compreendida como uma estrutura inédita ou incompatível com as ordens anteriores: “o filósofo abandona a atitude de suas primeiras obras e passa a considerar que a expressão humana não é a rigor inédita, já que ela continua ou desdobra o simbolismo natural”.³⁴ Em *A Estrutura do Comportamento*, Merleau-Ponty já possuía conhecimento da revolução paradigmática ocasionada pela mecânica quântica: “sem dúvida a física quântica nos ensinou a introduzir em nossa imagem do mundo físico dados ‘a-causais’, com base nos quais não podemos afirmar por princípio uma causalidade do tipo clássico”³⁵, porém, à época, o filósofo não levou adiante tal desdobramento ao ponto de assumir a totalidade do ser enquanto feixe de possibilidades, isto é, enquanto *carne* que perpassa a existência e a torna um *quiasma*. Vejamos, pois, como Merleau-Ponty define a noção de *carne*, ultrapassando assim sua ontologia anterior.

A carne não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo “elemento”, no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaciotemporal e a ideia, espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. Neste sentido, a carne é um “elemento” do Ser. Não fato ou soma de fatos e, no entanto, aderência ao lugar e ao agora. Ainda mais: inauguração do onde e do quando, possibilidade e exigência do fato, numa palavra, facticidade, o que faz com que o fato seja fato.³⁶

Com a noção de *carne* fica claro que, para Merleau-Ponty, o Ser agora não pode ser descrito a partir da delimitação de ordens (*física, vital e humana*). Tudo é *Carne*, pois todo existente possui um caráter de *visibilidade* e *invisibilidade* característico do imbricamento ontológico descrito pelo filósofo como *quiasma* que, por sua vez, assume –

³³ RAMOS, Silvana de Souza. *A Prosa de Dora: Uma leitura da articulação entre Natureza e Cultura na Filosofia de Merleau-Ponty*. São Paulo: Edusp, 2013, p. 143, grifo da autora.

³⁴ *Ibid.*, p. 25.

³⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Estrutura do Comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 241.

³⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009, p. 136.

guardada as devidas proporções – uma posição correlata ao papel relegado à noção de *Gestalt* na ontologia precedente. O conceito de estrutura de fato serviu à Merleau-Ponty como meio de superar as dicotomias ontológicas cartesianas, pois, assim como na hipótese do *quiasma*, a estrutura não é “coisa nem ideia”³⁷, já que “a própria estrutura não é observável”.³⁸ A forma/estrutura não é coisa ou objeto internalizado de modo representacional pelo organismo, tampouco projeção constituinte do espírito, mas uma “dimensão do ser”³⁹, uma coexistência ou cofabricação de uma totalidade que pressupõe o *visível* e o *invisível*, o perceber e o percebido. Pensar a *Gestalt* como dimensão não-observável do Ser significa descrevê-la como “significação encarnada, trabalho do ser e da inteligibilidade posta e reposta pelas diferentes dimensões da realidade.”⁴⁰ Tal inteligibilidade da *Gestalt* que irrompe nos diversos *eventos* da existência é agora alargada pelo conceito de *quiasma*, de tal modo que, apesar de – em última instância – *quiasma* e *estrutura* não serem equivalentes, ambas as noções tornam-se correlatas por possuírem a função de superar o bifurcamento coisa/ideia, em-si/para-si, objeto/sujeito etc.; indicando assim uma clara continuidade no pensamento de Merleau-Ponty.

A imagem do *quiasma* captura, para Merleau-Ponty, a lógica da relação entre o visível e o invisível, isto é, entre a sensibilidade e o sentir. O entrelaçamento da sensibilidade e do sentir é melhor ilustrado na reversibilidade do corpo humano, como quando uma mão toca a outra. Mas a reversibilidade da corporeidade humana é mais do que um mero exemplo para Merleau-Ponty; ela serve como o paradigma para uma espécie de imbricação que define o ser como tal. O *quiasma*, portanto, é a chave para a ontologia tardia de Merleau-Ponty e, particularmente, para o seu entendimento da relação entre humanos e natureza.⁴¹

Assim como no uso do conceito de *quiasma*, pensar o ser pela ótica da *estrutura* nos leva a buscar uma unicidade da totalidade de tal modo que toda irradiação ou irrompimento de uma *Gestalt* exemplifica um “princípio unificante, diferenciante e

³⁷ CHAUI, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 229.

³⁸ Idem.

³⁹ Ibid., p. 231.

⁴⁰ Ibid., p. 225.

⁴¹ TOADVINE, Ted. *Merleau-Ponty's Philosophy of Nature*. Illinois: Northwestern University Press, 2009, p. 107.

articulador da unidade e da diferença”.⁴² Ora, é exatamente tal unificação estruturante que Merleau-Ponty encontra em Ferdinand de Saussure e Claude Lévi-Strauss, os maiores expoentes do estruturalismo. Apesar de Saussure e Lévi-Strauss evidentemente não buscarem a formulação de uma ontologia tal qual Merleau-Ponty, a postura estruturalista na esfera da linguística e da antropologia serve ao fenomenólogo como indício da fecundidade de uma visão estrutural do ser.

É notório o apreço de Merleau-Ponty pelo estruturalismo. É em tal paradigma das ciências humanas que o francês percebe uma aplicação mais acurada do *insight* apenas vislumbrado pela *Gestalttheorie*, isto é, a compreensão da estrutura como instância silenciosa e emergente do ser, ou seja, como algo não redutível ao empirismo mecanicista tampouco ao intelectualismo subjetivante: “A estrutura opera como a profundidade opera na visão. A profundidade é condição da visibilidade e imanente ao visível não podendo, por isso mesmo, ser vista.”⁴³ Com isso, do mesmo modo que a profundidade imbuída em nosso sistema visual é o “suporte invisível da visibilidade”⁴⁴, a correlação estruturante entre as partes de uma língua (os signos designadores) é o pressuposto *invisível* que permite a fala. ‘Sabemos’ falar sem precisarmos saber explicitar formalmente a gramática de nossa língua materna, assim como ‘sabemos’ perceber o mundo simplesmente sendo uma corporeidade viva, pois há *estrutura* que irradia espontaneamente em ambos os casos. A significação perceptiva, portanto, por ser *Gestalt*, está encarnada na dinâmica estrutural estabelecida entre corpo e *Umwelt*. O sentido está na *estrutura* e dela provém. A causalidade em tal tipo de instância qualitativa emergente é, em suma, algo de circular, retroativo ou dialético. Ora, também podemos encontrar na linguagem a mesma dinâmica, argumenta Merleau-Ponty ao incorporar a visão estruturalista da linguística. Como diz Ramos, “o principal ensinamento legado por Saussure” é a tese na qual “A língua forma um todo cujas partes não podem ter seu campo semântico fixado de maneira isolada, pois o sentido de cada parte depende da relação opositiva estabelecida com os termos que lhe são próximos”.⁴⁵

⁴² CHAUI, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 246.

⁴³ *Ibid.*, pp. 246-247.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 247.

⁴⁵ RAMOS, Silvana de Souza. *A Prosa de Dora: Uma leitura da articulação entre Natureza e Cultura na Filosofia de Merleau-Ponty*. São Paulo: Edusp, 2013, p. 182.

Em outras palavras, assim como a *Gestalt* perceptiva não se encontra nem na coisa nem no sujeito, mas no significado encarnado que provém da dinâmica organismo-ambiente, a língua igualmente pressupõe um *quiasma*, uma relação estruturante entre as partes que exprime um todo que está para além de seus constituintes: “o que aprendemos com Saussure é que os signos um a um não significam nada, que cada um entre eles menos exprime um sentido do que marca um desvio de sentido entre ele mesmo e os outros”.⁴⁶ A percepção, por sua vez, indica o mesmo caráter de *quiasma* que se vê na linguagem, como quando Merleau-Ponty lembra que “este vermelho é o que é ligando-se, do seu lugar, com outros vermelhos em volta dele, com os quais forma uma constelação [...] É uma concreção da visibilidade, não um átomo”.⁴⁷ Mais detalhadamente, Moutinho diz que “A percepção não é a soma de elementos que correspondem, um a um, a eventos externos, tal como a língua não é a soma de termos elementares que designam, um a um, coisas e ideias.”⁴⁸ Portanto, o caráter originário do Ser se mostra, seja no fenômeno da linguagem, seja na da percepção, como *Gestalt*, isto é, como significação que jorra de um evento imerso no *quiasma* do visível e do invisível, no brotamento conjunto do *sentido* compreendido como *estrutura*: “Nem coisa nem ideia, uma *gestalt* é uma significação encarnada que possui um princípio interno de organização e de auto-regulação: é uma estrutura.”⁴⁹

Pela noção de *Gestalt* podemos superar a oposição que ora defende a preponderância do polo do sujeito, ora a do em-si ao responder: nem um nem outro, mas sim a *estrutura*, a *Gestalt* fundada no imbricamento organismo-ambiente. *quiasma*, mais tarde, torna-se o conceito preferencial por melhor traduzir a carnalidade da gênese do *sentido*, porém, a noção de *estrutura* continua a comportar o intuito geral do projeto merleau-pontiano de superação do dualismo ontológico e das igualmente insuficientes teses empirista e intelectualista. Com isso, Merleau-Ponty admite que a antropologia estruturalista fundada por Lévi-Strauss é de suma importância por apontar a superação da dicotomia coisa-ideia no âmbito da esfera de organização histórico-cultural. Lévi-Strauss,

⁴⁶ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signes*. Paris: Gallimard, 2003, p. 49.

⁴⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009, p. 129.

⁴⁸ MOUTINHO, Luiz Damon Santos. *Razão e Experiência: Ensaio sobre Merleau-Ponty*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006, p. 299.

⁴⁹ CHAUI, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 231.

diz Merleau-Ponty, encontra na estrutura organizacional humana o equivalente à totalidade estrutural presente na linguagem ou na percepção: “o fundamento não é o indivíduo nem a coletividade, mas a sociedade como um sistema de trocas. [...] Na trilha aberta por Mauss e por Saussure, Lévi-Strauss prossegue numa apreensão do social que ultrapassa a dicotomia da coisa e da ideia.”⁵⁰ Dito isso, note-se que, a partir da influência de Lévi-Strauss⁵¹, a *estrutura* (pensada agora no âmbito do fenômeno da organização societária) é descrita como

a maneira pela qual a troca é organizada num setor da sociedade ou na sociedade inteira. Esta palavra [*estrutura*] servia, entre os psicólogos, para designar as configurações do campo perceptivo como totalidades articuladas por certas linhas de força e de onde todo fenômeno recebe seu valor. Também na lingüística, a estrutura é um sistema concreto, encarnado. Quando Saussure dizia que o signo é diacrítico - que opera somente por sua diferença, por uma certa distância entre ele e outros signos, e não por invocar uma significação positiva - tornava sensível a unidade da língua acima da significação explícita, uma sistematização que se realiza nela antes que o princípio ideal seja conhecido. Para a antropologia social, a sociedade é feita de sistemas desse gênero: sistema de parentesco e de filiação, sistema de intercâmbio lingüístico, sistema de troca econômica, da arte, do mito e do ritual. A própria sociedade é a totalidade desses sistemas em interação.⁵²

A década de 1950, portanto, não significa um abandono da noção de *estrutura*. Com Saussure e Lévi-Strauss, Merleau-Ponty continua a usá-la em sua obra. Entretanto, as noções de *Stiftung* (que não abordamos aqui), *carne* e *quiasma* ganham preponderância, indicando – se não uma ruptura incontornável – no mínimo uma significativa renovação de sua ontologia, afastando-o consideravelmente das teses presentes em *A Estrutura do Comportamento e Fenomenologia da Percepção*.

4. CONCLUSÃO

A linguística estruturalista de Saussure nos diz que

uma língua não é uma coisa física ou mental, uma substância composta de elementos positivos e isoláveis, mas é uma totalidade constituída por

⁵⁰ CHAUÍ, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 248.

⁵¹ Influência que, no caso, era mútua, como Lévi-Strauss deixa claro no prefácio de *La pensée Sauvage* (1962).

⁵² MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991, p. 126.

puras diferenças internas, uma vez que um signo só se define por sua diferença, oposição e negação com respeito aos demais. É pela maneira como os constituintes se relacionam que uma estrutura vem à existência e por isso mesmo ela é uma totalidade que se distingue de outras não por sua ‘matéria’ e sim por sua qualidade, isto é, por sua significação.⁵³

De modo análogo, Merleau-Ponty tenta definir o Ser a partir do entrelaçamento carnal proveniente da *visibilidade* e *invisibilidade* imbuída na existência. Este *quiasma* constituinte do ser, portanto, carrega – de certo modo – a ideia prévia da ontologia das obras iniciais de Merleau-Ponty, onde a percepção compreendida como *Gestalt* indicava que “a estrutura não é coisa nem ideia, mas inteligibilidade nascente, estruturação.”⁵⁴ Com isso, pode-se afirmar que, apesar de incompatíveis, as formulações ontológicas apresentadas por Merleau-Ponty igualmente nos levam à busca do irrefletido como via de abertura ao Ser e superação de dualismos, pois é na totalidade de uma *estrutura* (seja ela linguagem, percepção ou sistemas culturais) que percebemos a carnalidade do ser e sua unicidade.

⁵³ CHAUI, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaio sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 232.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 247.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. **Experiência do Pensamento: Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GOLDSTEIN, Kurt. **The Organism**. New York: Zone Books MIT, 2000.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. **Os Conceitos Fundamentais da Metafísica: Mundo, Finitude, Solidão**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Estrutura do Comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. **Signes**. Paris: Gallimard, 2003.
- _____. **Signos**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1991.
- _____. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.
- MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Razão e Experiência: Ensaio sobre Merleau-Ponty**. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.
- RAMOS, Silvana de Souza. **A Prosa de Dora: Uma leitura da articulação entre Natureza e Cultura na Filosofia de Merleau-Ponty**. São Paulo: Edusp, 2013.
- SACRINI, Marcos. **Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty**. Tese de Doutorado em Filosofia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2008.
- TOADVINE, Ted. **Merleau-Ponty's Philosophy of Nature**. Illinois: Northwestern University Press, 2009.
- UEXKÜLL, Jakob von. **A Foray into the worlds of animals and humans with A Theory of Meaning**. Minnesota: University of Minnesota Press, 2013.